

Os catorze anos que vivi em Bergen, de 1988 a 2002, passaram há muito, deles não ficou rasto, excepto certos episódios que algumas pessoas talvez recordem, um *flash* numa ou noutra cabeça aqui, um *flash* numa ou noutra cabeça acolá, e, evidentemente, tudo o que dessa época a minha memória conserva. Surpreendentemente pouco, todavia. A única coisa a permanecer de todos esses milhares de dias que passei naquela pequena cidade do Oeste, com as suas ruas estreitas, reluzentes de chuva, são uns quantos factos e uma grande quantidade de estados de espírito. Mantive um diário — e queimei-o. Tirei fotografias — a dúzia das que restam estão amontoadas numa pequena pilha no chão ao lado da minha mesa, acompanhando todas as cartas que recebi nesse tempo. Folheei as cartas, li fragmentos de algumas de entre elas e, depois de o fazer, senti-me sempre deprimido, foram tempos horríveis. Eu sabia muito pouco, desejava muito... e nada conseguia. Mas a animação que me enchia antes de ali chegar! Nesse Verão, viajei à boleia com Lars até Florença, passámos lá alguns dias e apanhámos depois o comboio para Brindisi, o calor era tanto que eu tinha a impressão de estar a arder quando punha a cabeça fora da janela. Noite em Brindisi, céu escuro, casas brancas, calor quase onírico, multidão de gente nos parques, jovens com as suas motocicletas por todo o lado, gritos e ruído. Pusemo-nos na fila que se formara diante da escada do grande barco que nos levaria ao Pireu, havia muita gente, quase só jovens com as suas mochilas, tal como nós, quarenta e nove graus em Rodes. Passámos um dia em Atenas, a cidade mais caótica em que alguma vez estivera, um calor louco, apanhámos depois um barco para Paros e Antiparos, onde ficávamos deitados na praia todos os dias e nos embebedávamos todas as noites. Um dia encontrámos umas raparigas norueguesas e, enquanto eu estava na casa de banho, Lars contou-lhes que eu era escritor e co-

meçaria no Outono um curso na Academia de Escrita. Continuavam a conversar sobre o assunto quando voltei da casa de banho. Lars limitou-se a olhar para mim e a sorrir. Que estava ele a fazer? Eu sabia que Lars tinha o costume de dizer uma mentira de quando em vez — mas, assim, ali mesmo à minha frente? Não disse nada, mas decidi que, no futuro, procuraria manter-me afastado dele. Voltámos a Atenas, acabara-se-me o dinheiro, Lars ainda tinha montes dele e decidiu apanhar um voo de regresso a Oslo no dia seguinte. Estávamos sentados na esplanada de um restaurante, Lars a comer frango, com o queixo luzidio de gordura, eu a beber um copo de água. Não queria pedir-lhe dinheiro por nada deste mundo, tudo o que podia aceitar da sua parte seria uma oferta de empréstimo. Não ma fez e eu fiquei com a minha fome. No dia seguinte, Lars seguiu para o aeroporto, eu apanhei um autocarro até à periferia da cidade, apeei-me e procurei uma auto-estrada, onde me pus a pedir boleia. Passados uns minutos, apareceu um carro da polícia, os polícias não sabiam uma palavra de inglês, mas fizeram-me compreender que, naquela auto-estrada, não se podia pedir boleia, por isso tornei a apanhar um autocarro de regresso à cidade e, com o dinheiro que me restava, comprei um bilhete de comboio para Viena e um pão branco, uma *Coca-Cola* grande e um maço de cigarros.

Pensara que a viagem duraria umas horas e sofri um susto tremendo quando me dei conta de que duraria dois dias. No compartimento, havia um rapaz sueco da minha idade e duas raparigas inglesas que descobri serem um pouco mais velhas. Já entráramos havia um bom bocado na Jugoslávia quando eles se aperceberam de que eu não tinha dinheiro nem comida e se ofereceram para partilhar a sua comigo. A paisagem que se via pela janela era de uma beleza tão grande que chegava a doer. Vales e rios, quintas e aldeias, pessoas vestidas de uma maneira que me fazia pensar no século XIX e que pareciam trabalhar a terra como se fazia então, com cavalos e carroças de feno, gadanhas e charruas. Uma parte do comboio era soviética, durante a noite percorri esses vagões, enfeitado pelas letras desconhecidas, os cheiros desconhecidos, o interior dos compartimentos desconhecido, os rostos desconhecidos. Quando chegámos a Viena, uma das raparigas, Maria, quis que trocássemos as nossas moradas, era uma rapariga atraente e, normalmente, eu teria pensado que um dia talvez pudesse ir vê-la a Norfolk, talvez me tornasse seu namorado e ficasse lá a viver, mas naquele dia, enquanto andávamos pelas ruas da periferia de Viena, ela não significava fosse o que fosse para mim, eu continuava a transbordar das minhas lembranças de Ingvild, que vira uma vez somente durante a Semana Santa da Primavera

passada e com quem depois começara a corresponder-me, e Ingvild fazia com que tudo o mais empalidecesse. Consegui que uma mulher loura e de ar severo me levasse até uma estação de serviço da auto-estrada, onde perguntei a alguns camionistas se me podiam dar uma boleia, um deles assentiu com a cabeça, devia ter quarenta e muitos anos, moreno, magro e com olhos pesados que ardiam, e disse-me que tinha de ir comer alguma coisa antes de se fazer à estrada.

Fiquei do lado de fora, à espera, no crepúsculo quente, a fumar e a olhar para as luzes ao longo da estrada, que se viam cada vez melhor enquanto a noite descia, rodeado pelo zumbido do trânsito interrompido de quando em quando pelo estampido seco de portas de automóvel que batiam e súbitas vozes de pessoas que se deslocavam no parque de estacionamento, a caminho ou de regresso da estação de serviço. Lá dentro, havia pessoas que jantavam em silêncio, solitárias, ou famílias com filhos que enchiam até transbordar as suas mesas. Sentia-me cheio de um júbilo silencioso, era daquilo que eu gostava acima de tudo, do habitual e conhecido — a auto-estrada, a estação de serviço, a cafetaria, que todavia nada tinham de familiar, com os seus traços de pormenor diferentes dos que faziam parte do meu mundo. O camionista saiu e fez-me sinal, segui-o e subi para o veículo enorme, deixando a mochila na parte de trás e instalando-me no banco. O homem ligou o motor, tudo zumbia e tremia, os faróis acenderam-se, arrancámos devagar, depois ele acelerou até entrar, por fim, na faixa de acesso à auto-estrada e só então olhou para mim pela primeira vez. — *Schweden?* — perguntou. — *Norwegen* — respondi eu. — *Ah, Norwegen!* — repetiu ele.

Viajei no seu camião toda a noite e parte do dia seguinte. Trocámos nomes de jogadores de futebol, ele entusiasmou-se sobretudo com Rune Bratseth, mas como não sabia uma palavra de inglês, de nada mais falámos.

Eu estava na Alemanha e tinha muita fome, mas, sem uma coroa no bolso, tudo o que podia fazer era fumar, pedir boleia e manter viva a esperança. Um jovem ao volante de um *Golf* vermelho parou, disse que se chamava Björn e que ia para longe, entabulámos conversa sem dificuldade e, quando à noite chegámos ao seu destino, convidou-me para sua casa e serviu-me leite e *muesli*, comi e repeti duas vezes, ele mostrou-me algumas fotografias de umas férias que passara com o irmão na Noruega e na Suécia em miúdo, o seu pai tinha a paixão da Escandinávia, explicou-me, era por isso que lhe dera o nome de Björn. Quanto ao seu irmão, chamava-se Tor, acrescentou, sacudindo a cabeça. Levou-me de novo até à auto-estrada, ofereci-lhe uma cassete com o álbum triplo dos The Clash,

ele apertou-me a mão, trocámos votos de boa sorte e eu tornei a postar-me junto a uma via de acesso. Ao fim de cerca de três horas, um homem desgrenhado e de barba parou, com o seu 2CV vermelho. Ia para a Dinamarca e disse-me que poderia dar-me boleia até lá. Preocupou-se comigo, mostrou-se interessado quando lhe disse que escrevia, pensei que talvez fosse professor ou qualquer coisa do género, comprou-me comida numa cafetaria, depois dormi durante umas horas, entrámos na Dinamarca, ele tornou a comprar-me comida, e, quando por fim lhe disse adeus, estávamos já na zona centro do país, somente a algumas horas de Hirtshals — queria dizer, quase em casa. Mas o último troço tornou-se mais lento, ia mudando de boleia de trinta em trinta quilómetros e, às onze da noite, ainda só chegara a Løkken, onde decidi ficar a dormir na praia. Percorri um caminho estreito, cujo asfalto estava aqui e ali coberto de areia, continuei até um bosque baixo, depois as dunas apareceram à minha frente, subi-as e vi o mar cinzento e brilhante sob a luz da noite de Verão escandinava. Ouviam-se vozes e ruídos de motores de automóvel, vindos de um parque de campismo a umas centenas de metros de distância.

Sentia-me bem junto ao mar, gozando o seu cheiro suave a sal e o sopro do ar húmido. Era o meu mar, estava quase em casa.

Descobri uma cova na areia, desenrolei o saco-cama, enfiei-me dentro dele, subi o fecho-éclair e fechei os olhos. Era desagradável, tinha a impressão de que qualquer pessoa me podia ver ali, mas estava tão exausto depois daqueles últimos dias, que me apaguei como uma vela.

Despertei com a chuva. Gelado e entorpecido, arranjei maneira de sair de dentro do saco-cama, vesti as calças, peguei nas minhas coisas e comecei a andar. Eram seis da manhã. O céu estava cinzento, uma chuva miúda caía, silenciosa e quase imperceptível, tinha frio e estugava o passo para aquecer. Atormentavam-me as emoções de um sonho que tivera. Sonhara com Gunnar, o irmão do meu pai, com Gunnar e com a sua cólera, porque eu bebera muito e fizera uma quantidade de coisas erradas, dei-me conta, entretanto, enquanto apressava o passo, de que estava atravessar o mesmo bosque de árvores baixas que atravessara ao chegar na noite anterior. As árvores estavam imóveis, pardacentas sob as nuvens pesadas — pareciam mais mortas do que vivas. Entre os seus troncos havia montículos de areia, que formavam figuras imprevisíveis e instáveis, como que sobre o curso de um rio de miúdos grãos de areia correndo sobre o asfalto áspero.

Tomei por uma estrada mais larga, continuei a andar por alguns quilómetros, poisei depois a mochila no chão, num cruzamento, e pus-me de novo a pedir boleia. Já não faltavam muitos quilómetros até Hirt-

shals. Mas, quando lá chegasse, não sabia muito bem o que poderia fazer, uma vez que, sem dinheiro, não seria fácil apanhar o *ferry* até Kristiansand. Talvez pudesse pedir que me deixassem embarcar e me enviassem a seguir a factura? Talvez encontrasse uma alma piedosa que compreendesse a minha situação?

Não, era evidente que não. E as gotas da chuva que caía sobre mim eram cada vez maiores.

Pelo menos não fazia frio.

Acendi um cigarro, passei a mão pelo cabelo que a chuva e o gel empastavam, limpei a mão às calças, acocorei-me e tirei um *Walkman* da mochila, dei uma vista de olhos às poucas cassetes que trazia comigo, escolhi *Skylarking* dos XTC, pu-la a tocar e levantei-me de novo.

No meu sonho, não havia também uma perna amputada? Sim. Cortada imediatamente abaixo do joelho.

Sorri e, nesse momento, quando a música começou a jorrar dos pequenos altifalantes, invadiram-me as impressões do tempo em que o álbum saíra. Fora, sem dúvida, no meu segundo ano do *gymnas*. Mas estava a recordar sobretudo a nossa casa de Tveit, onde me via sentado num cadeirão de vime, a beber chá, a fumar e a ouvir *Skylarking*, apaixonado por Hanne. Havia também Yngve, com Kristin. E todas aquelas conversas com a minha mãe.

Vi um carro que vinha estrada fora.

*When Miss Moon lays down
And Sir Sun stands up
Me I'm found floating round and round
Like a buga in brandy
In this big bronze cup*

Era uma carrinha com o nome de uma firma pintado a vermelho no capô, talvez se tratasse de um operário a caminho do trabalho, passou muito depressa sem olhar para mim sequer e, então, foi como se a segunda canção surgisse directamente da primeira e essa transição maravilhou-me. Algo surgiu também em mim, e esmurrei o ar enquanto rodopiava totalmente.

Ao longe, apareceu outro automóvel. Levantei o polegar. O condutor era, uma vez mais, um homem ainda ensonado que não se dignou sequer a relancear-me. Eu estava, aparentemente, numa estrada cheia de trânsito local. Mas, apesar disso, as pessoas poderiam parar — não era verdade? — para me deixarem depois numa estrada principal.